

O DESAFIO DO ESCOMBRO

NAÇÃO, IDENTIDADES E PÓS-COLONIALISMO
NA LITERATURA DA GUINÉ-BISSAU

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Gilberto Gil Moreira



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente

Muniz Sodré de Araújo Cabral

Diretoria Executiva

Célia Portella

Coordenação-Geral de Pesquisa e Editoração

Oscar Manoel da Costa Gonçalves

Moema Parente Augel

O DESAFIO DO ESCOMBRO

NAÇÃO, IDENTIDADES E PÓS-COLONIALISMO
NA LITERATURA DA GUINÉ-BISSAU



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

G a r a m o n d

Copyright © Moema Parente Augel, 2007

Direitos cedidos à

Editora Garamond Ltda.

Caixa Postal: 16.230 Cep: 22.222-970

Rio de Janeiro – Brasil

Telefax: (21) 2504-9211

e-mail: editora@garamond.com.br

Revisão

.....

Capa

Estúdio Garamond

Editoração Eletrônica

Luiz Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Para Johannes,
que sabe
o que a letra não alcança.



Agradecimentos

Si festa na sabi, parmanha ki ta sibidu — diz a sabedoria popular guineense. As premissas, os preparativos de uma festa já deixam transparecer a satisfação e o enlevo que envolverão o momento festivo, já lhe antecipam o prazer e a fruição. Ou ainda, lembrando um outro *ditu* guineense: *sabura de bianda e ka na kabas, ampus i na fugon*: o melhor não é quando a comida está servida ou a mesa está posta e começa a refeição, mas sim antes, já na cozinha. Portanto, a melhor parte não é a iguaria pronta, mas a azáfama que antecede o seu fazer e o gosto em prepará-la. Chego ao fim de minha empreitada, apresentando meu “prato feito”, olhando com alegria para o tempo que antecedeu este momento de agora, tempo de crescimento, maturação e verticalidades.

Sei muito bem que sozinha não me teria sido possível desbravar o denso emaranhado textual que constitui o *corpus* deste **Desafio do escombro**.

Agradeço com muito empenho aos próprios autores, sem os quais não me teria atrevido a incursionar pelas suas obras. Meu grato reconhecimento e penhor de amizade a Odete Semedo pelas explicações que generosamente me forneceu, não apenas sobre sua própria obra, mas também para a tradução e decodificação do tesouro simbólico guineense e para a contextualização do ambiente cultural dos textos. A Abdulai Sila, a Tony Tcheka, a Huco Monteiro, a Respício Nuno, a Félix Sigá, que igualmente tanto me auxiliaram na compreensão de suas obras, meu muito obrigada, minha admiração sempre renovada.

Sou particularmente devedora ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, o INEP, onde, de 1993 a 1998, ergui em Bissau as bases de meu trabalho, nessa instituição que, sendo dedicada à pesquisa social e política, recebeu-me generosamente, com abertura de visão, amizade e confiança.

Meu reconhecimento a Teresa Montenegro, referência indispensável para qualquer estudioso da oratura guineense, que, sempre disponível, tantas vezes me socorreu em minhas muitas dúvidas.

Desejo expressar minha gratidão à Professora Doutora Carmen Lucia Tindó Secco, persistente pioneira dos estudos africanos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora incansável que me acolheu entre suas doutorandas na UFRJ. Da mesma forma, minha gratidão à Professora Doutora Laura Cavalcante Padilha, a primeira grande mestra da Africanidade no Brasil e cuja autoridade ultrapassa de muito nossas fronteiras. A ambas africanistas, a expressão do meu grande respeito e admiração pelo laborioso empenho com que estão formando uma nova geração de estudiosos sérios e interessados em nosso continente irmão.

Minhas irmãs Helena e Zilma ampararam-me fraternalmente em todas as etapas desse trabalho. Johannes, meu marido, com seus exigentes questionamentos e ponderações e nosso constante diálogo, ajudou-me a aprofundar e a amadurecer minha própria reflexão.

Meu agradecimento a Vera Rollemberg pelo labor incansável, eficiência e dedicação com que empreendeu a trabalhosa e minudente tarefa da revisão final deste *Desafio*. Nossa intensiva comunicação cibernética vivificou nossa antiga amizade e recrudescer minha admiração.

Agradeço ainda aos editores deste livro: à Editora Garamond, na pessoa de Ari Roitman, e à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com seu diretor Professor Doutor Muniz Sodré e a subdiretora Doutora Célia Portella, que tornaram possível a publicação de *O desafio do escombros*.

Este trabalho, como todos os que tenho feito, não me pertence. É da Guiné-Bissau, *terra sabi*, e dos filhos do seu chão, sobretudo dos *meninos de amanhã*, para os quais Cabral lutou, sonhando com um futuro de liberdade, de justiça e de bonança.

Tais dias que fantasmagoricamente assombram nosso tempo e nossas pátrias confrontam nosso senso de progresso com o desafio do escombros.

[...] Nem construção, nem desconstrução, o escombros é a criação de uma forma cuja ausência virtual levanta a questão do que quer dizer começar de novo, no mesmo lugar, como se fosse noutra lugar, sítio adjacente ao desastre histórico ou trauma pessoal. O resto da ruína que acaso sobrevive carrega a memória das torres caídas. [...] Não temos opções, exceto a de nos interessarmos por construir edifícios; ao mesmo tempo, não temos alternativa, senão situar, em visão panorâmica a partir de nossos edifícios, a visão do Escombros — a fundação de possíveis edifícios, outras fundações, outras palavras outras.

Homi K. Bhabha*

1 *BHABHA, Homi K. Democracia des-realizada. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.148, p.78-79, jan./mar. de 2002. Os destaques são do autor.

Sumário

PREFÁCIO	15
1. OS CAMINHOS DA MOTIVAÇÃO, DA METODOLOGIA, DA ELABORAÇÃO	19
Os Estudos Culturais como base metodológica.....	29
Comunidade de cultura, de história e de destino	37
As etapas e os contornos da elaboração.....	42
2. O CONTEXTO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO E SOCIAL.....	49
O meio ambiente.....	49
Panorama histórico.....	51
A época antes da colonização.....	51
Primeiros contactos com os portugueses	51
A colonização.....	55
A luta armada.....	60
O período pós-independência	62
Antecedentes do conflito armado de 1998-1999	65
Onze meses de guerra e luto	67
Período pós-guerra	70
Situação social do país	72
Os grupos étnicos.....	76
A questão lingüística.....	78
A língua guineense.....	82
O guineense nas manifestações escritas.....	85
As religiões.....	92
3. A LITERATURA GUINEENSE: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO	99
Guineenses sobre a literatura guineense.....	100
A literatura guineense em Portugal.....	105
A literatura guineense no Brasil	111

A literatura da Guiné-Bissau fora do contexto lusógrafo	114
A Guiné-Bissau e sua literatura nos países africanos	121
4. PÓS-COLONIALISMO, NEOCOLONIALISMO, ANTICOLONIALISMO	125
Inocência <i>versus</i> força bruta	128
A máquina de fazer o outro	133
Os espaços do pós-colonial	140
O neocolonialismo e a “lógica imperial”	146
A reação anticolonialista.....	162
A língua portuguesa - espaço de transgressão.....	168
Guiné-Bissau: descolonização... e agora?	176
5. LITERATURA COMO APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA	181
O processo de entendimento interétnico.....	182
A apropriação simbólica.....	185
O desenraizamento na diáspora.....	187
O estranhamento	192
O espaço vital.....	199
A construção social de etnia	203
O “nós” e os “fora de nós”	207
Motivos do “desassossego da Guiné”	217
Os poilões vão sangrar de desgosto.....	226
A <i>ermondadi</i> em perigo	212
A <i>baraka</i> reterritorializada	235
6 LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL	237
O ser nacional.....	238
Desterrados de si mesmos: a identidade individual	241
Oscilações e incertezas. O “olhar para dentro” de Odete Semedo.....	242
Félix Sigá, “foz de mil cascatas furiosas”	245
Comunidade de destino: a identidade compartilhada	251
Pascoal D’Artagnan Aurigemma, “poeta soldado”, “poeta proibido”.....	252
Tony Tcheka e o seu insone “olhar para fora”	260

7. LITERATURA E A NARRAÇÃO DA NAÇÃO	271
“Poesia de africanidade”	272
Desejo de ser nação	276
O não apagar da memória	279
A construção de significados	284
Ver com “os olhos da mente”	287
“Unidade e luta”	294
O discurso literário dos anos noventa: revelando os arquivos do silêncio..	298
A visão dos vencidos: <i>Kikia Matcho</i>	301
Fundação da nacionalidade	309
A metonímia da nação: Abdulai Sila e sua <i>Trilogia</i>	312
As três faces de Ndani	313
A terra para onde “a gente pode regressar”	318
O tratamento do inverso: <i>mistidas a safar</i>	323
O espaço da dor e do escárnio: <i>Tcholonadur</i> Odete Semedo	335
“No fundo... no fundo...”	339
O protocolo do horror	346
O “Consílio dos Irans”	350
Os “embrulhos”	356
Retraçando territorialidades	368
8. CONCLUSÕES: O DESAFIO DO ESCOMBRO	371
REFERÊNCIAS	391
Obras literárias de autores guineenses	391
Outras referências	393
Sites consultados	419
APÊNDICES	
APÊNDICE A - Guiné-Bissau: dados gerais	423
APÊNDICE B - Guiné-Bissau: cronologia histórica	425
APÊNDICE C - Guiné-Bissau: indicadores econômicos	428
APÊNDICE D - Guiné-Bissau: indicadores sociais	429
APÊNDICE E - Guiné Bissau: dados culturais	430
ANEXO A - Mapa da África	434
ANEXO B - Mapa da Guiné-Bissau	435
ANEXO C - Hino Nacional da Guiné-Bissau	436



PREFÁCIO

Um farol, em meio ao escombros...

O livro *O desafio do escombros. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau* tem como matriz a tese de doutoramento de Moema Parente Augel, brilhantemente defendida, em dezembro de 2005, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ter sido a orientadora deste belo trabalho acadêmico me enriqueceu sobremaneira, pois aprendi muito com a autora.

Abordar as relações entre Literatura e História da Guiné-Bissau exigiu de Moema uma viagem plural que entrecruzou conhecimentos e questionamentos sobre ancestralidades, partilhas forçadas pelo colonizador europeu, fabulações, resistências pela memória, novas formas de colonialismo.

Os espaços ficcionais analisados por Moema Augel são constantemente revisitados por uma história de lutas, de violência, de autoritarismo e, ao mesmo tempo, de apropriações simbólicas que, como num jogo de espelhos, ao exporem as feridas da história, buscam também as cicatrizações necessárias.

O que quer dizer a autora com a expressão “desafiar o escombros”? Moema inicia seu texto, citando Homi Bhabha: “o escombros é a criação de uma forma cuja ausência virtual levanta a questão do que quer dizer começar de novo, no mesmo lugar, como se fosse noutra lugar...”

Moema Parente Augel escreve, então, sobre a Guiné-Bissau, neste lugar datado, analisando com profundidade as obras de uma série de escritores e poetas guineenses: Abdulai Sila, Odete Semedo, Tony Tcheka, Huco Monteiro, Respício Nuno e muitos outros. Tece um ensaio de grande fôlego, que cobre praticamente toda a literatura da Guiné-Bissau. Seu estudo tem o mérito, portanto, de contribuir para um conhecimento mais amplo de uma literatura ainda pouco estudada e divulgada. Ocupando-se não só da poesia, mas também da

prosa guineense, ultrapassa versos e poemas, histórias e estórias locais, universalizando a cultura e conhecimentos específicos guineenses.

Desta forma, *Mistida*, de Abdulai Sila, *No fundo do canto*, de Odete Semedo, *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, as crônicas de Carlos Lopes, bem como os poemas de Huco Monteiro, Tony Tcheka, Respício Nuno e outros marcam a vida literária da Guiné-Bissau dos anos 1990 até hoje e se apresentam a leitores, em sua maior parte, desconhecedores da literatura desse país.

Escombros, simbolicamente, também pode representar os anos de exploração do colonizador português, que agenciou o tráfico negreiro e dominou rotas comerciais dentro do próprio continente africano. Aponta, ainda, para outros significados, como o de destruição, cenário provocado pelas lutas civis internas em prol da independência.

O termo escombros, entretanto, pode também enfatizar um outro sentido bem diferente: o de oferecer a probabilidade de sair do que está destruído, fragmentado, em demolição, indo para o pólo oposto: para a pertinência da construção, da imaginação e, por conseguinte, para um universo de sonhos que se podem tornar possíveis.

O livro de Moema Augel nos revela uma literatura fundamental para o entendimento e crescimento do próprio sentimento de nação, principalmente, hoje, quando a globalização neoliberal esgarça fronteiras, descaracterizando o nacional em razão de propostas transnacionais.

A autora, ao analisar os textos literários guineenses, chama atenção para o fato de que estes buscam saídas, problematizam e questionam os impasses, dão vozes aos anônimos das realidades locais, estimulam utopias por meio de intensos cantos poéticos, ao mesmo tempo que denunciam os problemas e desmandos ainda existentes no país. Sem dúvida, as literaturas nacionais sempre serão armas poéticas que apontam para a necessidade de uma construção coletiva.

Ler o livro de Moema Augel é descortinar uma Guiné-Bissau que se quer reconstruída e interessada em sedimentar o gosto pela nacionalidade, que foi tão cara a Amílcar Cabral, uma de suas principais lideranças políticas.

A pena literária de Moema, como uma espécie de farol, dá à Guiné-Bissau, um país com uma população de cerca de um milhão e meio de habitantes, com uma complexidade enorme e uma diversidade étnica e lingüística — embora a criouldade seja fundamental —, uma visibilidade maior, fazendo-a sair dos escombros. Ilumina, para os leitores interessados em conhecer melhor o continente africano, a literatura de um país tão instigante para aprofundar as relações afro-brasileiras, pois vieram da Guiné-Bissau escravos que imprimiram à cultura brasileira muitas heranças e saberes. O conhecimento revisitado das tradições, da história e literatura da Guiné-Bissau poderá funcionar, dessa forma, como

um Outro que nos complementa, ajudando-nos a revisar até mesmo a imagem que fazemos de nós próprios.

Por tudo isso, vale a pena a leitura deste livro!

Rio de Janeiro, 25 de junho de 2007.

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco

UFRJ - Brasil